

# Estratégias e tentativas do licenciando em geografia para trabalhar mapas com alunos cegos no ensino fundamental

Mafalda Nesi Francischett \*

## Índice

1	Alguns materiais construídos . . . . .	6
2	Algumas considerações . . . . .	13
3	Referências bibliográficas . . . . .	17

A Cartografia é a linguagem da Geografia. Os mapas físicos, políticos e temáticos revelam os aspectos visíveis da superfície, da paisagem ou das fronteiras políticas. As tentativas de cartografar o espaço geográfico remontam aos povos antigos, que já registravam elementos da paisagem e fixavam pontos de referência para seus deslocamentos e expedições. A Cartografia se desenvolveu paralelamente ao descobrimento, ao comércio e à guerra, acompanhando a aventura da humanidade.

O estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade. O estudo das representações cartográficas contribui não apenas para

---

\*Professora – UNIOESTE – mafalda@wln.com.br

que os alunos compreendam os mapas, mas também desenvolvam capacidades relativas à representação do espaço. Os alunos precisam ser preparados para que construam conhecimentos fundamentais sobre essa linguagem, como pessoas que representam, codificam o espaço; trabalham, estudam, vão para diferentes lugares e seguem diferentes ritmos, construindo um saber necessário.

A Geografia é entendida como a ciência que estuda o que se expressa num território localizado no espaço resultante de lutas, disputas, nascimento de sociedades e demais acontecimentos e manifestações que vêm diretamente do processo histórico situado no espaço e tempo. Nessa relação de homem interagindo com o espaço nasce a necessidade de representar as relações; "A Cartografia compartilha com a Geografia o estudo do espaço e das relações espaciais". (Francischett, 2001, p.138).

A Geografia e a Cartografia têm relações seculares, as duas iniciam com a história do próprio homem. O homem primitivo na luta pela sobrevivência expressou nos lugares por onde passou seu modo de vida, tentou descrever, desenhar e mapear os diversos acontecimentos com diversas técnicas: em rochas, cascas de árvores, no chão e isso com simbologia desenvolvida que supria suas necessidades.

Assim, a Geografia como a Cartografia não surgiram por acaso, mas sim pela necessidade do homem. A educação especial também surgiu para atender aos alunos que por um motivo ou outro não estavam dentro da classe dos ditos "normais". Foi um esforço muito importante de pais e pesquisadores na luta para a escolarização dessas crianças.

Hoje vivenciamos a luta pela educação inclusiva, como forma de trazer maiores condições de desenvolvimento aos que foram, de certa forma, excluídos pelas diferenças, embora não sendo de responsabilidade própria, por muito tempo, foi assim considerando. Hoje, há toda uma manifestação em prol da inclusão nas instituições escolares.

Entendemos por educação inclusiva o processo educativo como um processo social, onde todas as crianças com necessidades edu-

cativas especiais e com algum distúrbio de aprendizagem têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal. Tendo como principal objetivo que a escola atue através de todos os seus escalões para possibilitar a integração das crianças que dela fazem parte.

Assim, os estudos realizados no campo do ensino especial para cegos visam primeiramente as questões relativas à aquisição e interpretação de uma determinada linguagem para o seu desenvolvimento. Passados os níveis de aprendizado e compreensão da língua materna, aparecem outras necessidades para atingir o aprendizado de novos conhecimentos como de orientação no espaço, tão importante, uma vez que a locomoção é bastante limitada. Quais as concepções sobre ensino de Geografia e de educação inclusiva dos professores que trabalham com esses alunos?

O presente trabalho justifica-se por várias razões. Sendo uma delas a deficiência de material didático de Geografia, principalmente mapas, para trabalhar com o aluno cego. A educação inclusiva é um fato e a preparação do professor é outro. Como resultado desse confronto, pretende-se indicar uma possibilidade de articulação entre os conteúdos geográficos, a forma de ensinar e atender as necessidades dos professores para trabalhar Geografia e dos educandos cegos na compreensão das atividades ligadas ao estudo da orientação e aprendizado de conteúdos ligados às representações cartográficas, especificamente do mapa.

Neste contexto, nossas sugestões não são no propósito de reproduzir algo para que o professor se apóie e finalize sua prática pedagógica, mas vão ao encontro do sentido da teoria de Vygotsky ao mencionar o sujeito interativo que é construído na e pela interação com os outros e nas pautas da relação interpessoal. Entendendo que com apoio da Cartografia é possível trabalhar satisfatoriamente os conteúdos específicos destas áreas de conhecimento, nossas sugestões são de atividades nada complexas, mas criativas que estimulam tanto professor quanto alunos a trabalhar a Cartografia enquanto possibilidade na produção do saber em todas as áreas de conhecimento.

Nossas principais indagações: como as noções de orientação e de espaço são ensinadas para o aluno cego? Como se dá a alfabetização cartográfica? Será que os docentes que trabalham com educandos que apresentam necessidades educacionais especiais dominam a linguagem cartográfica dos e nos mapas? Que estratégias são adotadas no meio escolar para trabalhar os mapas com esses alunos?

Considerando que o ensino para o deficiente visual privilegia a aquisição da linguagem, o material didático é um fator muito importante no processo pedagógico e a língua específica, o Braille, ainda é pouco difundida nas instituições regulares de ensino por ser pouco trabalhada no ensino com tal propósito.

A concepção do Sistema Braille, conforme Nowill (2005), granjeou-lhe a gratidão daqueles que até então não tinham um sistema que lhes permitisse ler e escrever todas as obras de literatura clássica e contemporânea e todas as informações sobre descobertas científicas do passado e do presente.

(...)1825-2005, 180 anos da instituição de um sistema que foi e é até hoje o baluarte do desenvolvimento educacional e cultural das pessoas cegas em todos os vários idiomas falados no mundo. (NOWILL, 2005, p.03).

Ainda segundo Nowill (2005), entre todos os documentos e memórias de Louis Braille figuram algumas cartas por ele dirigidas ao Dr. Pignier, diretor do Instituto de Jovens Cegos de Paris. Nestas cartas, a simplicidade de seu estilo é um reflexo de seu caráter sério, profundo e voltado para o bem de seus semelhantes. Além de seu interesse em estar sempre informado sobre a realização de concertos, nota-se a grande preocupação que tinha com seus alunos e seus companheiros, e, mais ainda, com a vida e o trabalho do Instituto de Jovens Cegos de Paris.

No dizer de Nowill (2005), não faltou um toque de romantismo ao novo método tão combatido e tão difícil de ser aceito e valorizado pelos que mais precisavam dele: quando Louis Braille

ofereceu o novo processo de escrita e leitura, os jovens de então aproveitaram para trocar bilhetes amorosos numa escrita que não era do conhecimento dos professores e responsáveis pelo Instituto de Jovens Cegos de Paris. Porém, a oficialização do Sistema Braille só se tornou realidade após a morte de seu inventor. Já nos Estados Unidos, o Sistema Braille foi implantado e oficializado antes da França.

Idealizamos este trabalho com o interesse em refletir sobre as características do ensino de mapa voltado para orientação tátil. Tentar entender, pelo menos em parte, as minhas indagações. Procurei centrar num primeiro momento as práticas de atividades com mapas com os alunos de Cartografia do 1º ano de 2005, do Curso de Licenciatura em Geografia, na UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), campus de Francisco Beltrão. Tais atividades foram voltadas para a construção desta representação cartográfica, tendo como direcionamento a temática deste artigo.

Minhas análises se centraram em dois pontos: a) estudo das dificuldades e necessidades dos futuros professores de Geografia em lidar com o mapa enquanto a semântica do conteúdo; b) trabalhar a concepção sobre educação inclusiva e refletir com os licenciandos a questão de ensinar mapas para os cegos.

Portanto, esse trabalho se desenvolveu nas seguintes etapas: a) estudo dos conceitos básicos de Cartografia: representações cartográficas; título; escala; legenda; convenções; tipos de mapas; coordenadas geográficas; paralelos e meridianos. b) Os alunos, futuros professores, construíram os mapas direcionados para ensino especial, principalmente reportando para o ensino/aprendizagem do aluno cego. c) A leitura e a análise do material foi realizada por nossa colega Rosane Arruda, formada em pedagogia e coordenadora do projeto de educação especial na universidade, onde também trabalha como telefonista. Ela analisou todos os trabalhos, lendo, pontuando os aspectos importantes e apontando possíveis reformulações para melhor compreensão do mapa para o entendimento do cego. Salientou as possíveis dificuldades de leitura

do mapa, a relação do material utilizado para a compreensão tátil. Apresentou sugestões para qualificar os trabalhos, como também ressaltou os pontos importantes de cada um deles.

Procurou-se, a partir desse procedimento, identificar elementos que contribuam para reflexão tanto sobre o ensino-aprendizagem da Geografia, principalmente para compreender os sentidos que esse conteúdo específico pode ter frente às necessidades educacionais específicas dos alunos cegos.

O objetivo desse estudo foi caracterizar o ensino de Geografia voltado ao aluno cego através da construção de mapas. Identificando possíveis diferenças e/ou semelhanças entre o ensino para crianças “normais” e crianças cegas. Assim como, discutir com os licenciandos de Geografia o sentido da educação inclusiva. Além de construir um mapa temático para trabalhar conteúdos de Geografia com alunos deficientes visuais.

Refletir sobre a educação inclusiva significa analisar o que está na base, o que apóia esta pedagogia. O que está presente e de alguma forma regula nosso trabalho. É fundamental refletir sobre isso, procurar saber e tomar uma posição sobre o que pode estar definindo as características de nossa prática-pedagógica.

Como base de nossa reflexão pretendo colocar a premissa de que há, pelo menos, dois modos de organizarmos nossa vida e nosso trabalho na escola. O que define a inclusão ou exclusão é como os articulamos e como negamos um ou outro.

## **1 Alguns materiais construídos**

A representação do espaço geográfico dá-se através de cartas, plantas, croquis, mapas, globos, fotografias, imagens de satélites, gráficos, perfis topográficos, maquetes, textos e outros meios que utilizam a linguagem cartográfica. A função dessa linguagem é a comunicação de informações sobre o espaço. Os conceitos de semiologia gráfica baseiam-se nas propriedades de percepção visual, nos sistemas onde os sinais acumulam significados, tornando

mais acessível à interpretação dos dados no mapa, possibilitando atingir suas finalidades básicas, como meio de comunicação.

O objetivo do mapa, enquanto representação cartográfica, é produzir e comunicar informações e não ser, simplesmente, objeto de reprodução. Na construção do mapa acontecem as ações concretas dos sujeitos, representando as transformações realizadas pelos indivíduos que habitam, vivem e transformam o espaço geográfico, além de possibilitar a compreensão das relações que estão por trás desses processos, o entendimento da reprodução das relações cotidianas existentes na sociedade.

Essencial para o ensino da Geografia, a Cartografia tornou-se importante na educação contemporânea, tanto para o aluno atender às necessidades do seu cotidiano quanto para estudar o ambiente em que vive.

Um trabalho com mapas, na sala de aula, deve ser precedido de um período em que a representação se forma — dissociação dos significados e significantes — e em que se constroem, lenta e gradativamente, as relações espaciais e a própria consciência do mundo físico e social.

O trabalho idealizado com os licenciandos organizados em grupos de três alunos cada. Escolheram livremente a temática do mapa. O material utilizado também ficou a critério dos construtores, que usaram como base: isopor; e.v.a (emborrachado); tecido de várias texturas. Como material secundário: sementes, grãos, fios de linha, barbante, lixa de várias texturas, areia e outros.

Os elementos básicos obrigatórios que comporiam o mapa foram estipulados previamente por nós, professora da disciplina de Cartografia: o título, a escala, as coordenadas geográficas, os paralelos e meridianos, a legenda, as convenções. Inclusive a legenda também apresentada em Braille.

A temática e o tipo de representação foram definidos pelo grupo. Assim construíram: um globo terrestre com destaque para os continentes e oceanos; dois mapas políticos do continente americano; dois mapas Mundi com a divisão dos continentes e oceanos, dois mapas do Brasil com a divisão regional. Na seqüência,

apresentamos fotos das representações cartográficas elaboradas e construídas para trabalhar com o aluno cego.

***Foto N° 01- Leitura e Interpretação do Globo Terrestre.***



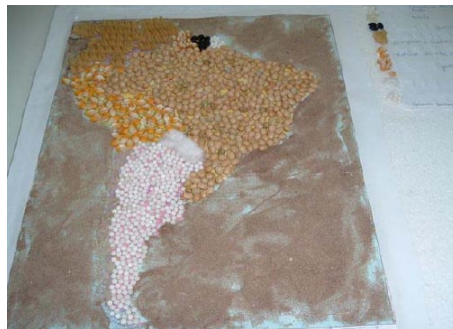
*Foto: Francischett, 2005.*

A foto N°01 apresenta o globo construído pelos licenciandos em Geografia, no momento que estava sendo lido, interpretado e avaliado. O globo é uma representação sobre uma superfície esférica, em escala pequena, dos aspectos naturais e artificiais de uma figura planetária.

Um dos objetivos em se trabalhar com as representações cartográficas é o de se estabelecer articulação entre conteúdo e forma, utilizando a linguagem cartográfica para que se construam conhecimentos, conceitos e valores.



**Foto N° 02- Mapa Político da América do Sul.**



*Foto: Francischett, 2005.*

No caso dos mapas táteis, os conceitos de semiologia gráfica baseiam-se nas propriedades de percepção visual, nos sistemas onde os sinais acumulam significados, tornando mais acessível à interpretação dos dados nela contidos, possibilitando atingir uma de suas finalidades básica, como meio de comunicação.

**Foto N° 03- Mapa Político do Brasil.**



*Foto: Francischett, 2005.*

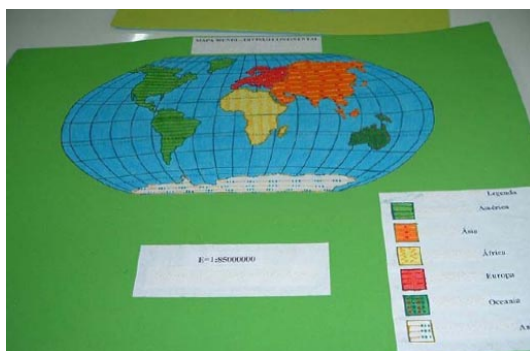
A inteligência capaz de apreender as representações cartográficas através de temas de estudo e pesquisa não é um processo mecânico, mas sim dinâmico e cognitivo, cujo caminho é a práxis.

**Foto N°04 - Mapa-mundi: continentes e oceanos.**



Fonte: Francischett, 2005.

**Foto N°05 - Mapa-Mundi: continentes e oceanos.**



Fonte: Francischett, 2005.

O mapa além de representar o espaço geográfico e o contexto nele inserido, representa o pensamento de quem o idealiza. Este pensamento manifesta-se na simbologia da representação que é a sua linguagem. O mapa é uma representação no plano, em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de determinada área destinada aos mais variados usos.

***Foto Nº06 – Mapa do Brasil: divisão regional.***



*Foto: Francischett, 2005.*

***Foto Nº07 – Mapa Político da América do Sul.***



*Foto: Francischett, 2005.*

Tomando como princípio os caminhos para desenvolvimento de um mapa temático, os futuros professores receberam, inicialmente, orientação sobre os objetivos da disciplina de Cartografia, quanto: à organização do mapa com o conteúdo no sentido de fazer com que estes entendessem a importância da relação da temática e seu significado na vida do aluno.

Essa metodologia para a construção de mapas apresentou uma proposta coletiva, em que a fragmentação do ensino-aprendizagem e, o abismo que há entre teoria-prática cede lugar à pesquisa aplicada ao contexto social e ao sistema produtivo. É, portanto, um meio para promover a educação e a ciência na formação e competência do professor-geógrafo.

São muitos os desafios para atingir a interdisciplinaridade, principalmente ao trabalhar os conhecimentos geocartográficos voltados para a educação do aluno cego. Dentre eles destacamos: assumir um paradigma teórico-metodológico que admita contradições, ambigüidades, conviver com incertezas; construir uma perspectiva crítica, reflexiva; construir uma visão de realidade que transcenda os limites disciplinares sem perder a especificidade; conceber o conhecimento científico enquanto representação do real; estabelecer relação entre conteúdo do ensino e realidade social escolar; desinstalar-nos de nossas posições acadêmicas tradicionais, das situações adquiridas, e a abrir-nos para perspectivas e caminhos novos, um deles é o do aluno leitor de mapas.

Os professores, que trabalham com o conhecimento e com sua transformação em sala de aula têm um compromisso com a formação desse 'homem inteiro' e para isso formas alternativas e criativas de trabalho pedagógico necessitam ser buscadas. Entre elas destacam-se as práticas interdisciplinares. (PONTUSCHKA, 1994, p.119).

O aluno é considerado o leitor do mapa, quem precisa ter condições de entender o que o mapa representa, além da realidade fí-

sica, a social. Inicialmente por meio de símbolos convencionados por ele próprio. Quando adquire a consciência da representação, o aluno pode tornar-se um usuário, aquele que lê e interpreta mapas elaborados por outros.

Mesmo depois disso o aluno sentirá dificuldades em organizar um sistema de signos de forma ordenada, mas é vivenciando essas dificuldades que ele irá construir noções profundas de organização de um sistema semiótico. Ao ter de generalizar, estabelecer uma classificação e selecionar as informações que precisam ser mapeadas, ou representadas no mapa temático, o aluno será preparado para tais informações e além de melhorar o seu raciocínio lógico, contribuirá para o seu desenvolvimento cognitivo.

Daí a importância do ensino do mapa. Cavalcanti (2002) aponta o papel do professor como sendo de extrema importância para o desenvolvimento do conteúdo estudado através da relação do conteúdo com a matéria anteriormente estudada e com o conhecimento cotidiano do aluno. É preciso, sobretudo, problematizar o conteúdo a ser estudado.

## **2 Algumas considerações**

Em 1949 a Organização das Nações Unidas reconhecia em seus anais: a Cartografia no sentido lato da palavra, não é apenas uma das ferramentas básicas do desenvolvimento econômico, mas é a primeira ferramenta a ser usada antes que outras ferramentas possam ser postas em trabalho.

O conceito de Cartografia tem suas origens na inquietação do ser humano em conhecer o mundo que habita. O vocábulo introduzido em 1839 continha na sua concepção inicial a idéia do traçado de mapas, a despeito de seu significado etmológico – descrição de cartas. Com o passar do tempo, Cartografia passou a significar a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre.

Já a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências.

É uma atitude, uma externalização de uma visão de mundo que, no caso, é holística.

O movimento da interdisciplinaridade surge na Europa (França e Itália). Em meados da década de 1960, como tentativa de elucidação e de classificação temática das propostas educacionais, como compromisso de alguns professores universitários, que procuravam romper a “educação por migalhas”.

Desde 1990, quando da promulgação da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, e 1994, com a Declaração de Salamanca, temos assistido ao crescimento, na literatura educacional, sobre a inclusão em educação a ponto tal que ela tem se tornado bandeira de luta e motivo de reformas educacionais nas instituições escolares. No entanto, ainda se verifica que existem muitas confusões a respeito do que seja a inclusão e a quem se aplica. Ora ela é entendida como parte de um movimento mais amplo a favor da constituição de uma escola democrática e justa, que garanta acesso e permanência dos alunos em uma escola de qualidade, ora ela é vista como restrita a discussões sobre a integração de certos grupos em especial no sistema regular de ensino, como por exemplo, no caso dos portadores de deficiência.

O sistema de ensino público, com a entrada em vigor da lei 9.394/96 vem promovendo a inserção dos alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino. Na verdade os alunos são colocados em escolas onde não há profissionais preparados para atendê-los. Portanto, a educação inclusiva tornou-se uma obrigação das escolas públicas, apesar de não parecer existirem condições didáticas e/ou materiais para lidar com a inclusão e a diversidade em sala de aula.

O professor vai construindo idéias, muitas vezes equivocadas, a partir de informações do senso comum. Por desconhecerem a realidade da formação dos educandos cegos. Em parte, esse processo pode ser associado à própria formação docente, onde tais questões são periféricas, se são discutidas.

Com relação ao ensino, especificamente de Geografia, nos dois ambientes eles se assemelham em determinados pontos e se

diferenciam pela postura dos profissionais envolvidos. Os professores enfatizam as dificuldades dos educandos em assimilar determinados conteúdos, principalmente em relação à interpretação de textos e de mapas. As avaliações são colocadas, muitas vezes, como referenciais em que são detectados o que o aluno assimilou ou não. Os professores, em muitos casos, se escondem atrás das condições de trabalho precárias (apesar destas serem reais) e, dessa forma, se isentam de buscar informações a respeito dessa nova situação em sala de aula e mesmo na escola.

Os alunos devem ter uma leitura que proporcione uma visão crítica da realidade, sabendo como avaliar o que ocorre no espaço político e econômico do mundo. Isto vem ao encontro do PCN que nos coloca que: “A Geografia estaria, então identificada como ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e imediata sobre o espaço geográfico”. (GEOGRAFIA, 1997, p.112).

Paganelli (2002) acredita que o profissional que conhece os pressupostos teóricos metodológicos que fundamentam a Geografia como ciência, tem condição de se situar em sua prática pedagógica definindo, por assim dizer, os objetivos da Geografia enquanto uma disciplina escolar.

Sobre as representações cartográficas, sabe-se que elas são resultado do esforço humano na consecução da sua inteligência a favor do entendimento do mundo. Nelas, fundam-se os paradigmas do espaço, do tempo, da compreensão da matéria, do signo, da representação, das linguagens e do conhecimento.

O aluno é considerado leitor consciente do mapa, quem precisa ter condições de entender o que o mapa representa, além da realidade física, a social. Inicialmente por meio de símbolos convencionados por ele próprio. Quando adquire a consciência da representação, o aluno pode tornar-se um usuário, aquele que lê e interpreta mapas elaborados por outros. Mesmo depois disso ele sentirá dificuldades em organizar um sistema de signos de forma ordenada, mas é vivenciando essas dificuldades que irá construir

noções profundas de organização de um sistema semiótico. Ao ter de generalizar, estabelecer uma classificação e selecionar as informações que precisam ser mapeadas, ou representadas no mapa temático, o aluno será preparado para tais informações e além de melhorar o seu raciocínio lógico, contribuirá para o seu desenvolvimento cognitivo.

Com auxílio dos signos, segundo Rego (1995), o homem pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações.

Vygotsky, inspirado nos princípios do materialismo dialético, considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural. Segundo ele, o organismo e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados. Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura. É por isso que seu pensamento costuma ser chamado de sócio-interacionista. (REGO, 1995, p.93).

A aprendizagem, conforme Lakomy (2003), ocorre quando através de uma experiência, muda-se o conhecimento anterior sobre uma determinada idéia, comportamento ou conceito. É importante entender que, para a aprendizagem ocorrer, é necessário que haja uma interação, ou troca de experiências do indivíduo com o meio ambiente.

A teoria cognitiva no procedimento do método cartográfico envolve operações mentais lógicas como a comparação, análise, síntese, abstração, generalização e modelização cartográfica. Nesta perspectiva de pesquisa cartográfica, o mapa é considerado como uma fonte variável de informações, dependendo das características do usuário. Desenvolvida a partir da psicologia, trouxe gran-



des avanços para a Cartografia, tanto no processo de mapeamento, em que o cartógrafo passou a ter uma preocupação maior com as características do usuário, como no processo de leitura, no qual o mapa passou a ser um instrumento para aquisição de novos conhecimentos sobre a realidade representada. Entre as principais contribuições estão os mapas mentais e a alfabetização cartográfica.

Trabalhamos à luz do método de investigação do materialismo dialético que concebe a natureza como um processo de desenvolvimento, que por isso mesmo é histórico, aplica-se também à história da sociedade e a todas as ciências humanas. O ponto de partida do conhecimento é o concreto real (empírico) e o ponto de chegada é o concreto pensado.

A teoria materialista dialética do conhecimento tem como fundamental o princípio do reflexo dos objetos pelo pensamento. O conhecimento é produto da ação humana através da apropriação da realidade material pelo pensamento.

Ao trabalharmos o ensino da Geografia com a linguagem cartográfica com base na concepção histórico-crítica da educação. Com a teoria vygotskyana da psicologia histórico-cultural. Sendo assim, o conceito materialista dialético de atividade no âmbito da psicologia, reflete a ação do sujeito humano como ser social em relação com a realidade externa, relação esta mediatizada pelo processo de transformação dessa mesma realidade.

A psicologia histórico-cultural o que confere à atividade material produtiva uma dimensão humana é o fato dela estar ligada à atividade com signos, uma vez que, estes são produtos humanos.

### **3 Referências bibliográficas**

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática. Arte ou técnica de conhecer e Aprender*. São Paulo: Ática, 1990.

AZEVEDO, G. G. "Análise crítica do Ensino de Geografia e formação do Profissional de Geografia no Brasil". *Revista Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, n. 8, p. 3-29, Ago. 1988.

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *A Educação dos Surdos*. vol. II. Brasília, MEC/SEESP, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: geografia*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais*. Brasília, MEC/SEF/SEESP, 1998.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Resolução CNE/CEB 2/2001*. Diário Oficial da União. Brasília, 14 set. 2001. p.39-40.
- FRANCISCHETT, M. N. *A Cartografia no Ensino de Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.
- MAZZOTTA, Marcos J. S. *Fundamentos de Educação Especial*. São Paulo, Pioneira, 1982.
- MEC. Ministério da Educação e do Desporto. *Desenvolvimento da Educação no Brasil*, 1996.
- OLIVA, Jaime Tadeu. “*Ensino de Geografia: Um retardo desnecessário*”. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). São Paulo. Contexto. 1999. *A Geografia na sala de aula*.
- PAGANELLI, Tomoko I. “*Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos*”. Seleção e organização. In: PONTUSCHKA, Nídia N. (Org.) et. al. *Geografia em perspectiva*. São Paulo. Contexto, 2002.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *História, Geografia*. 3ªed., Brasília: MEC/SEF, 1997.

- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *A Formação Pedagógica do Professor de Geografia e as Práticas Interdisciplinares*. São Paulo: USP, 1994. (Tese de doutorado).
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ROCHA, Genylton Odilon Rego. “*Um breve histórico da formação do Professor de Geografia*”. *Revista Terra Livre*. nº 15. AGB, São Paulo, 2000. p.129-144.
- UNESCO. “*Declaração de Salamanca*” e “*Linha de ação sobre necessidades educativas especiais*”. Brasília, Corde, 1996.
- NOWILL, Dorina de Gouvêa. In *Cartas De Louis Braille*, Instituto Nacional de Jovens Cegos – INJA, *Cartas de Louis-Braille ao Dr. Pignier, Diretor da Instituição (1821-1840)*, Cópia das cartas originais (INJA, 1998), 2005.